

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO DO  
COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ: ESTUDO DE CASO NO PASSEIO  
PÚBLICO EM CURITIBA-PR

ENVIRONMENTAL PERCEPTIONS OF STUDENTS OF SECONDARY  
EDUCATION COLLEGE OF PARANÁ STATE: A CASE STUDY IN PUBLIC  
SIDEWALK IN CURITIBA-PR

LAURA PATRÍCIA LOPES

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO DO  
COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ: ESTUDO DE CASO NO PASSEIO  
PÚBLICO EM CURITIBA-PR

Artigo apresentado para a obtenção do título de especialista em Análise Ambiental, no Curso de Especialização Análise Ambiental, Setor de Ciências Exatas da Terra da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Elaine de Cacia de Lima Frick

CURITIBA

2014

Laura Patrícia Lopes <sup>1</sup>

Orientadora: Elaine de Cacia de Lima Frick <sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a percepção ambiental, a justificativa pauta-se em decodificar a percepção dos discentes sobre o Passeio Público, ao que tange aos problemas ambientais e sociais. A pesquisa teve como base a Geografia Humanista sobre a influência da Fenomenologia de Yi-Fu Tuan, e os mapas mentais da 'Metodologia Kozel'. Buscou-se analisar e interpretar a percepção ambiental e relacioná-la aos conceitos de Topofilia e Topofobia. Como resultado a percepção ambiental perpassa por vários aspectos, como elementos naturais e construídos, as sensações abordadas remetem-se a alegria, tristeza, insegurança, paz e odores. A problemática foi respondida os discentes conseguiram visualizar, compreender e representar os problemas ambientais e sociais nos mapas mentais. As particularidades em cada um dos mapas mentais analisados, visões, sensações, percepções que se destacam ou se escondem na imagem representada. Para Tuan duas pessoas não veem a mesma realidade e não fazem a mesma avaliação do meio ambiente. A pesquisa demonstra essa máxima de Tuan.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista; Percepção Ambiental; Mapas Mentais.

## ABSTRACT

The article to analyze the environmental perception, the justification is guided to decode the perception of students on the Public Sidewalk, when it comes to environmental and social problems. The research was based on the Humanistic Geography on the influence of the Phenomenology of Yi-Fu Tuan, and mental maps 'Kozel Methodology'. We sought to analyze and interpret environmental perception and relates them to the concepts of topophilia and topophobia. As a result the environmental perception permeates various aspects such as natural and constructed elements, sensations addressed refer to joy, sadness, insecurity, peace and odors. The issue was answered the students were able to visualize, understand and represent the environmental and social problems in mental maps. The features in each of the analyzed mental maps, visions, feelings, perceptions that stand out or hide the image represented. For Tuan no two people see the same reality and not make the same assessment of the environment. Research shows that maximum Tuan.

**Keywords:** Humanistic Geography; Environmental Perception; Mind Maps.

<sup>1</sup> Licenciada e Bacharel em Geografia pela UNIOESTE. Especialista em Educação Ambiental pela Facet. Mestranda em Geografia pela UFPR.

<sup>2</sup> Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Tuiuti do Paraná, Especialista em Análise Ambiental pelo departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná e Mestre em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Geografia da UFPR.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como escopo analisar a percepção ambiental dos discentes do Ensino Médio (2º ano C) do Colégio Estadual do Paraná – CEP, no Passeio Público em Curitiba-PR, aplicando a 'Metodologia Kozel' dos mapas mentais. O recorte temporal da pesquisa dá-se no primeiro semestre de 2014. Bem como o recorte espacial escolhido referiu-se a primeira Unidade de Conservação de Curitiba-PR, o Passeio Público.

Os objetivos específicos versam em: a) compreender a percepção ambiental dos alunos através da aula de campo e mapas mentais no Passeio Público em Curitiba-PR; e b) analisar a percepção ambiental no Passeio Público em Curitiba-PR, através dos conceitos topofilia (afeto ao lugar) e a topofobia (medo ao lugar) dos alunos. A problemática que orientou a pesquisa foi a seguinte: Os problemas ambientais e sociais estarão presentes nos mapas mentais dos discentes sobre o Passeio Público?

O presente artigo aponta como embasamento teórico, os principais precursores e suas ideias sobre a fenomenologia da percepção, por exemplo, Edmund Husserl (1859-1938) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), na sequência o idealizador da Geografia Humanista: Yi-Fu Tuan, aborda-se sua carreira acadêmica, o título de algumas obras e a base teórica de Tuan, que pauta-se em vários autores, por exemplo, Edmund Husserl (fenômeno/essência); Martin Heidegger (experiência/essência); Dardel (experiência, valor e afeto – pessoas); David Lowenthal (comportamento/imaginação); Lèvi-Strauss (Estruturalismo); Carl Sauer (Paisagem Cultural); Sartre (Existencialismo) seguindo essa lógica apresenta-se a percepção ambiental na visão de Tuan (2009), com base nas seguintes obras: 'Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente', 'Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência' e 'Paisagens do Medo'.

Para finalizar a primeira parte contextualiza-se e teoriza-se a 'Metodologia Kozel', através dos mapas mentais, decodificando-se a percepção

dos discentes sobre o Passeio Público.

Nos procedimentos metodológicos lista-se a localização e a caracterização do recorte espacial, aborda-se os procedimentos metodológicos, e a organização utilizada e descrita a seguir: primeira fase onde os discentes assistiram o vídeo 'O mundo percebido' do professor Clóvis de Barros; na segunda fase ocorreu a aula de campo no Passeio Público; terceira fase onde houve a confecção dos mapas mentais e quarta fase refere-se a análise dos mapas mentais. O universo da pesquisa foi de 33 alunos, no entanto analisou-se somente os mapas mentais mais representativos.

## **2 EMBASAMENTO TEÓRICO**

### **2.1 FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO**

A fenomenologia em seu âmago é representada pelos filósofos alemães Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Hegel (1770-1831), mas seu precursor é o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) e o disseminador de suas ideias é o filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

Considera Husserl (2000, p. 22) “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico, a fenomenologia é a doutrina universal das essências, e se integra a ciência da essência do conhecimento”. Ressalta que a fenomenologia perpassa por três momentos importantes, que são o *epoche* (fenômeno), a redução (seleção) e a compreensão (interpretação) fenomenológica.

A Fenomenologia de Edmund Husserl busca a retomada da humanização da ciência, procura estabelecer uma nova relação entre o sujeito e objeto, Homem e mundo, considerando-os inseparáveis, sob dois aspectos: o fenômeno e sua essência (LIBERATO, LOBATO, RIBEIRO, 2009).

Segundo Merleau-Ponty (1999) a fenomenologia é o estudo das essências, e de todos os problemas, ou seja, resume-se em definir a essência da percepção e a essência da consciência. Pois possui a tarefa de conhecer as essências das vivências/experiências e da consciência dos sujeitos no mundo, por meio da interpretação”.

A fenomenologia de Merleau-Ponty é pautada pelo significado da vida

humana no seu cotidiano, ou seja, “o mundo é aquilo que nós percebemos e não fruto do significado mundo. O mundo pulsa entre os meios múltiplos de significados, pois ele é um campo de percepções, compreensões, pensamentos e sentidos” (LIBERATO, LOBATO, RIBEIRO, 2009).

Para Tuan (2012, p.18) “a percepção é a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

Finalizando, ressalta Kozel (2009) cabe à geografia das representações compreender o comportamento humano, de forma direta e indireta as representações e as ações humanas, ou seja, perceber a diversidade, o imaginário do espaço vivido.

## 2.2 GEOGRAFIA HUMANISTA: GEÓGRAFO YI-FU TUAN

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan foi o precursor da Geografia Humanista (1960) e do uso da abordagem fenomenológica na geografia. Nasceu em 5 de dezembro de 1930, na China em Tientsin, cursou a educação básica em escolas chinesas, filipinas e australianas.

Iniciou seus estudos em nível superior (Bacharel/Mestrado) na University College, em Londres (1951-1955), seu término deu-se na Universidade de Oxford. Em 1957 recebeu o título de doutor na Universidade da Califórnia. Em 1998 aposentou-se na Universidade Wisconsin, e em 2012 recebeu o Prêmio Vautrin Lud. Elaborou conceitos importantes para a Geografia Humanista, que versam em: Topofilia (afeto ao lugar), Topofobia (medo em relação ao lugar), Topocídio (destruição do lugar). (PADUA, 2013)

Desde 1957 Tuan vem produzindo vários livros, artigos e resenhas. No Brasil, a professora Livia de Oliveira traduziu o livro 'Topofilia', 'Espaço e Lugar' e 'Paisagens do Medo' e o artigo 'Ambiguidades nas atitudes para com o meio ambiente' que foi publicado no Boletim Geográfico em 1975. Christofolletti organizou o livro 'Perspectivas da Geografia' onde consta o clássico 'Geografia

Humanística' e Werther Holzer traduziu o 'Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista' e 'A cidade: sua distância da natureza'. Existem algumas obras que não foram traduzidas, como por exemplo, '*Human Goodness*' (2008), '*Escapism*' (1998) e o livro mais recente '*Humanist geography: an individual's search for meaning*' (2012).

Para Padua (2013) Tuan é um homem de livre-pensar sua base teórica é diversificada e complexa, como por exemplo, pauta-se em, Edmund Husserl (fenômeno/essência); Martin Heidegger (experiência/essência); Dardel (experiência, valor e afeto – pessoas); David Lowenthal (comportamento/imaginação); Lèvi-Strauss (Estruturalismo); Carl Sauer (Paisagem Cultural); Sartre (Existencialismo) entre outros.

O estilo, a estrutura e a abordagem tem como base a fenomenologia-existencialista que fundamenta grande parte de suas ideias. Como humanista considera que a teoria pura e simples é incapaz de explicar a criatividade e a imaginação humana. É capaz de usar o estruturalismo (construção dos espaços e lugares místicos nas comunidades primitivas) Strauss; ou o existencialismo (homem existe independente de qualquer definição pré-estabelecida sobre seu ser) sartreano. Mas Tuan opta pela postura Fenomenológica, ou seja, explorar a experiência dos indivíduos em certas condições, considera-a intersubjetividade, a intencionalidade, o mundo vivido de Merleau-Ponty.

### 2.3 YI-FU TUAN E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Yi-Fu Tuan foi professor universitário desde 1956, nos Estados Unidos. Geógrafo Humanista e precursor no conceito de Percepção Ambiental, que está presente na obra 'Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente' e no livro 'Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência'. O conceito de Topofobia é relatado no livro 'Paisagens do Medo'. Respectivamente abordam-se os principais aspectos sobre a percepção ambiental em suas obras.

Em Topofilia menciona-se que a percepção perpassa pelos sentidos a

audição, a visão, o tato e o olfato. É através da percepção que vamos nos compreender, para depois compreender a configuração do espaço geográfico, e entender as transformações que estão presentes neste cenário. Os conceitos mais trabalhados no livro são: percepção (o indivíduo percebe o mundo a partir da sua experiência e a cultura influencia na percepção e na atitude), atitude (é formada por uma longa sucessão de percepções, ou seja, de experiências), visão de mundo (e a experiência conceitualizada, parcialmente individual e grande parte social) e topofilia (que é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico). (TUAN, 2012)

No capítulo cultura, experiência e atitudes ambientais, Tuan menciona para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, devemos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho, a história cultural e aos arredores físicos. (TUAN, 2012, p. 91) Sobre a cultura e percepção o autor relata a visão de Hopi (nativo) e da antropóloga Dorothy Eggan (visitante), quando ambos visualizam o Grande Canyon, traçam algumas características que são diferentes, porque se deve considerar a afetividade, a experiência, a subjetividade de Hopi (nativo) em relação ao Grande Canyon. O visitante geralmente pensa na estética e na beleza, a vida e os valores dos nativos tem pouca importância. (TUAN, 2012)

No capítulo Topofilia e Meio Ambiente, o autor dedica-se a explicar a apreciação estética, menciona o diário dos exploradores que acabam por revelar as paisagens mais belas, como por exemplo, o Himalaia. Segundo McGovern “foi de longe a visão mais linda que já tinha visto e mesmo para uma pessoa impassível e fria como ele, tinha motivo suficiente para se embriagar com sua grandeza.” (TUAN, 2012, p. 138).

Outro aspecto é a topofilia do agricultor com a terra, que acaba por se resumir em amor e ódio por algumas vezes, conforme o relato de Robert Coles

[...] minha terra está sempre aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão minha como meus braços e pernas. [...] a terra é minha amiga e inimiga; é as duas coisas. A terra dirige meu tempo e meus estados de ânimo; se a colheita vai bem, eu me sinto bem, se há problemas com ela, há problemas comigo. (TUAN, 2012, p. 141).

No capítulo Meio Ambiente Topofilia, Tuan (2012) considera que o Meio ambiente (MA) pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Como por exemplo, considera a praia um ambiente de atração, porque existe a oportunidade para comer, fixar, reproduzir e aprender; no vale há grande variedade de alimentos nos rios, nas planícies de inundação e nas encostas do vale.

Em 1977 é publicada a obra 'Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência', essa produção marca a maturidade acadêmica de Tuan, tendo como alicerce o pensamento de Bachelard. A proposta é nova e tem como aporte a fenomenologia e o existencialismo, busca-se desvelar a experiência cotidiana do espaço geográfico.

Apesar de o livro iniciar com a palavra Espaço, o autor traz uma nova referência ao lugar, menciona que a “Pausa no Movimento” é uma das ideias mais fortes, quando busca desmistificar o espaço indiferenciado do lugar significado. Ou seja, o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento, subjetividade e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem. (TUAN, 2013)

Segundo Padua (2013), o lugar está associado à segurança, a intimidade, mas também a limitação. O espaço nos remete a sensação de liberdade e amplitude, mas provoca a insegurança.

O principal objetivo do livro é conceituar o espaço e redefinir o lugar na ciência geográfica, porém Tuan preocupa-se em inserir nesta abordagem a relação do homem com o meio. Menciona que na literatura sobre a área ambiental, poucas obras tentam compreender como as pessoas realmente sentem e vivem o espaço e lugar, ou seja, como o indivíduo, o grupo e a comunidade interpretam o espaço vivido. Em muitas obras, não levam em consideração a experiência, o comprometimento, o sentimento e a cultura.

No capítulo cinco, o autor articula os termos espaço e espacialidade

que estão relacionados, como também densidade de população e apinhamento, ressalta que espaço amplo nem sempre é significado de espaciosidade e alta densidade não significa apinhamento. Resumindo a espaciosidade está relacionada ao estar livre, a liberdade, ao poder, como exemplo, os norte-americanos veem e percebem as pradarias, em oposição os russos associam a espaciosidade com a insignificância a indiferença do homem perante seu espaço. O apinhamento é decodificado pela privação, cidades poluídas, moradias apinhadas e pela falta de oportunidade econômica e social.

Tuan (2013) menciona que há também a frustração, qual difere-se na questão social (rico/pobre), porém, é similar na questão ambiental para ambos, por exemplo, a certeza de que a terra e seus recursos são limitados, e que muitas pessoas sofrem com a falta de alimentação e de infraestrutura básica fazem parte da questão ambiental.

No livro 'Paisagens do Medo', publicado em 1977 e traduzido pela professora Livia de Oliveira em 2005, aborda vários aspectos, que versam em: a) medo das doenças, guerras e catástrofes naturais; b) lugares desconhecidos ou reuniões sociais; c) pavor de mortos e do sobrenatural; d) medo do escuro. Define o conceito de Topofobia que é a aversão a paisagens e lugares. O que são paisagens do medo?

São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagens do medo, porque existe para controlar o caos. (TUAN, 2005, p. 12).

Define que os medos partem dos indivíduos, são subjetivos e contêm vários estágios que perpassam o homem quando criança, adolescente e na maturidade. Ressalta que na sociedade tecnológica, o medo é diferente dos povos primitivos.

No capítulo denominado Sociedades “sem medo”, citam algumas civilizações que têm uma relação muito próxima ao meio ambiente, como por exemplo, para os Pigmeus Mbuti (Congo) a floresta úmida é protetora e doadora

de vida, ou seja, a selva é sagrada; para o grupo Tasadai (Filipinas) não se pode mexer com árvores e plantas ao redor da caverna, caso isso ocorra o castigo será chuva e vento; os Boxímanes (Calaári) utilizam estratégias de subsistência, mudam conforme a condição do meio ambiente. Essas sociedades parecem não conhecerem o roubo, o suicídio, o adultério, o homicídio e a guerra, algo comum também é o medo dos mortos e dos espíritos. (TUAN, 2005)

Ao que tange o capítulo Medos: passados e presentes, o autor ressalta a deterioração dos centros e das cidades; a crise ecológica; a tensão racial; a fome mundial; o desastre nuclear e os conflitos entre nações ricas e pobres. A principal questão relacionada à percepção ambiental, menciona-se que as florestas, as montanhas, os riachos, já foram moradias dos espíritos, impunham respeito e medo, na atualidade é uma frágil cadeia de vida que necessita de proteção e cuidado. Ou seja, o medo é de que plantas, animais, rios e lagos possam morrer por causa do abuso dos homens. (TUAN, 2005)

#### 2.4 MAPAS MENTAIS COMO INSTRUMENTOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A percepção ambiental está conectada a sensibilidade, a afetividade e ao pertencimento ao lugar, ou seja, como o indivíduo visualiza e compreende o meio ambiente ou espaço vivido. Cabe ressaltar que a percepção não é estática, com o passar do tempo pode haver modificações ao que tange a compreensão, a experiência e a vivência do indivíduo perante seu meio. Para Tuan (2012) “duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente”.

Ressalta Loureiro (2012) a visão de meio ambiente e de mundo é um tanto quanto complexa, pois deve-se ter respeito a diferença de ideais e a modos de viver, ou seja, cada indivíduo e sociedade compreende, visualiza e contextualiza com base na sua percepção. Menciona Tuan (2012), para entender/compreender a preferência ambiental de uma pessoa, devemos

examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos.

Para Capra (2006), a percepção ecológica profunda abarca todos os fenômenos, levando em consideração que os indivíduos e as sociedades, estão todos encaixados e fazem parte dos processos cíclicos da natureza, lembrando que somos dependentes desses processos.

Corroborando Kozel (2009), com a perspectiva da representação e a compreensão do espaço geográfico, menciona a importância desse estudo para que se possa desmistificar as relações sociais e entender a configuração espacial. Ressalta que se pode seguir outras vertentes como, por exemplo, a geopolítica, o turismo, a migração e principalmente na área ambiental.

Para compreender a configuração espacial, a construção e a desconstrução do espaço vivido, entende-se:

Os mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado. (KOZEL, 2009, p. 23).

É com base nos argumentos de Kozel (2009) que decodificou-se a percepção ambiental dos discentes do CEP no Passeio Público. De acordo com a “Metodologia Kozel”, o conteúdo dos mapas mentais foram analisados a partir dos seguintes quesitos:

1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas);

2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva);

3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

- . Representação dos elementos da paisagem natural
- . Representação dos elementos da paisagem construída
- . Representação dos elementos móveis
- . Representação dos elementos humanos

#### 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades

Perpassando, as etapas pôde-se visualizar, decodificar e compreender a percepção ambiental dos alunos sobre o parque. Finaliza Kozel (2009), os mapas mentais são importantíssimos para os diagnósticos voltados aos aspectos pedagógicos, para que os discentes possam compreender e entender suas ações perante o meio, sobretudo participar do processo de forma ativa. Para que no devir possam repensar e mudar a forma de ver e sentir o espaço em qual estão inseridos.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

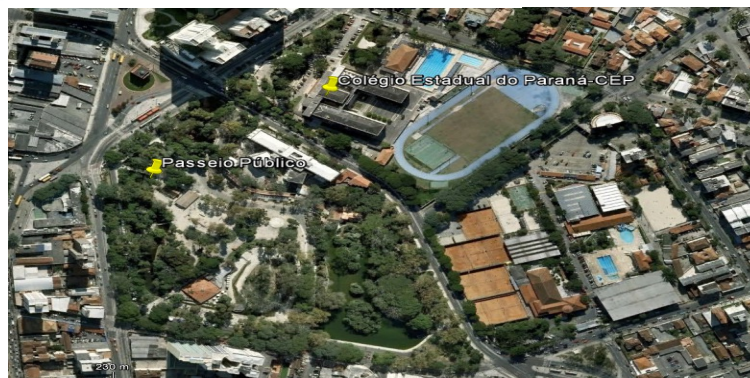
#### **3.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A prática didática foi desenvolvida no Colégio Estadual do Paraná-CEP, localizado no Bairro Alto da Glória, em Curitiba-PR (Figura 1). O recorte espacial é o Passeio Público, localizado no Centro da capital.

O Passeio Público localiza-se no Centro de Curitiba, entre as ruas Carlos Cavalcanti, Avenida João Gualberto e Presidente Faria. O parque já foi um local preferido pelos curitibanos, mas atualmente há um processo de revitalização e convite para que os curitibanos visitem, se envolvam e ocupem o parque. (SMMA)<sup>3</sup>

---

3 Secretaria Municipal do Meio Ambiente -SMMA. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/>



FONTE: GOOGLE MAPS (2014)

**CEP**  
 Latitude: 25°25'25.26"S  
 Longitude: 49°16'0.29"O

**Passeio Público**  
 Latitude: 25°25'28.80"S  
 Longitude: 49°16'5.85"O

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO PASSEIO PÚBLICO  
 FONTE: IPPUC (2014)

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO RECORTE ESPACIAL

O Passeio Público é o primeiro parque de Curitiba, no século XX abrigou o Zoológico da capital em suas dependências. Ao que tange o aspecto hídrico, o rio Belém (Figura 2) corta o parque. No parque encontra-se espécies nativas e exóticas da flora e da fauna (Figuras 3 e 4).



FIGURA 2 – PASSEIO PÚBLICO: RIO BÉLEM  
FONTE: LOPES, L.P. 2014



FIGURA 3 – PASSEIO PÚBLICO: FLORA NATIVA E EXÓTICA  
FONTE: LOPES, L.P. 2014



FIGURA 4 – PASSEIO PÚBLICO: FAUNA NATIVA E EXÓTICA  
FONTE: LOPES, L.P. 2014

Em meados de 1885, a preocupação do Presidente Taunay (Presidente da Província do Paraná) estava voltada para a melhora na qualidade de vida e a higiene pública, foi necessário eliminar os banhados da capital, em sequência acabar com doenças, como por exemplo, a malária, a cólera e a varíola. (FRASSON, 1995)

Em 1886 é inaugurado o Passeio Público, o objetivo principal do parque depois de pronto, era proporcionar um local de lazer para os curitibanos, com o passar do tempo houve a reformulação no parque a instalação do parque infantil, o zoológico, instalação do restaurante e a organização da infraestrutura do Passeio Público. Em 1971 o parque é tombado como Patrimônio Histórico. (FRASSON, 1995)

Atualmente, o Passeio Público faz parte de uma área totalmente urbanizada, tornou-se um parque urbano. Diferentemente da década de 80, na atualidade o parque é pouco visitado, existem vários desafios a serem superados pelos seus gestores, pela sociedade e a comunidade escolar.

Busca-se a revitalização, a visitação e o envolvimento mais intenso dos curitibanos no Passeio Público. Para que possamos ter conhecimento da atual realidade do parque, observe trechos das seguintes matérias:

Projeto de revitalização do parque mais antigo de Curitiba ainda não ficou pronto e deve esbarrar em outras prioridades antes de sair do papel. (Gazeta do Povo, 2013)<sup>4</sup>.

Ocupe o Passeio [...] Oficina de desenho [...] propõe uma percepção coletiva dos animais e da paisagem do parque mais antigo da cidade; participação é gratuita e irrestrita. (Gazeta do Povo, 2013).

Com base nas informações em tela, buscou-se com a pesquisa através da aula de campo e a elaboração dos mapas mentais, conhecer a percepção ambiental dos discentes sobre o Passeio Público. Para além com base nos estudos de Tuan (2012) verificar nos mapas mentais os conceitos de Topofilia e Topofobia.

### 3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao que tange à metodologia que permeia a pesquisa, essa é constituída da revisão bibliográfica sobre o assunto, aula de campo no Passeio Público e elaboração e contextualização dos mapas mentais. Participaram da pesquisa 33 alunos do 2º ano C, do ensino médio do Colégio Estadual do Paraná-CEP. As atividades com os discentes foram desenvolvidas durante as aulas de Geografia.

Durante a pesquisa foram realizadas as seguintes fases: Primeira fase: introdução aos aspectos que foram abordados na pesquisa e o vídeo “O mundo percebido”<sup>5</sup> do professor Clóvis de Barros, que menciona primorosamente o que é a percepção, como cada indivíduo visualiza, percebe e contextualiza o mundo.

Segunda fase: na sequência, durante o período de uma aula os alunos (Figura 5) foram conduzidos ao Passeio Público, onde locomoveram-se pelo parque (Figura 6), para que pudessem estimular a percepção ambiental.

---

4 Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/ocupe-passeio-publico/conteudo.phtml?tl=1&id=1416366&tit=Burocracia-adia-ocupacao-do-Passeio>>. Acesso em: 17/01/2014.

5 Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4](http://www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4). Acesso maio de 2014.



FIGURA 5 – AULA DE CAMPO NO PASSEIO PÚBLICO  
FONTE: LOPES, L.P. 2014



FIGURA 6 - AULA DE CAMPO NO PASSEIO PÚBLICO  
FONTE: LOPES, L.P. 2014

Terceira fase: retornando ao Colégio Estadual do Paraná, durante três aulas os alunos confeccionaram o mapa mental (Figura 7), com base na percepção que tiveram sobre o Passeio Público.



FIGURA 7 – CONFECÇÃO DOS MAPAS MENTAIS  
FONTE: LOPES, L.P. 2014

Quarta fase: análise dos mapas mentais sobre a percepção ambiental no parque, que usou como base a “Metodologia Kozel” (2009) - as representações quanto às paisagens natural e cultural, a representação das imagens quanto à forma e à distribuição e suas especificidades. Ou seja, decodificar a representação da percepção que cada aluno teve sobre o Passeio Público. Para Tuan (2012), a percepção é a resposta dos sentidos aos estímulos externos como atividade proposital, na qual certos fenômenos são registrados.

## **4 RESULTADOS**

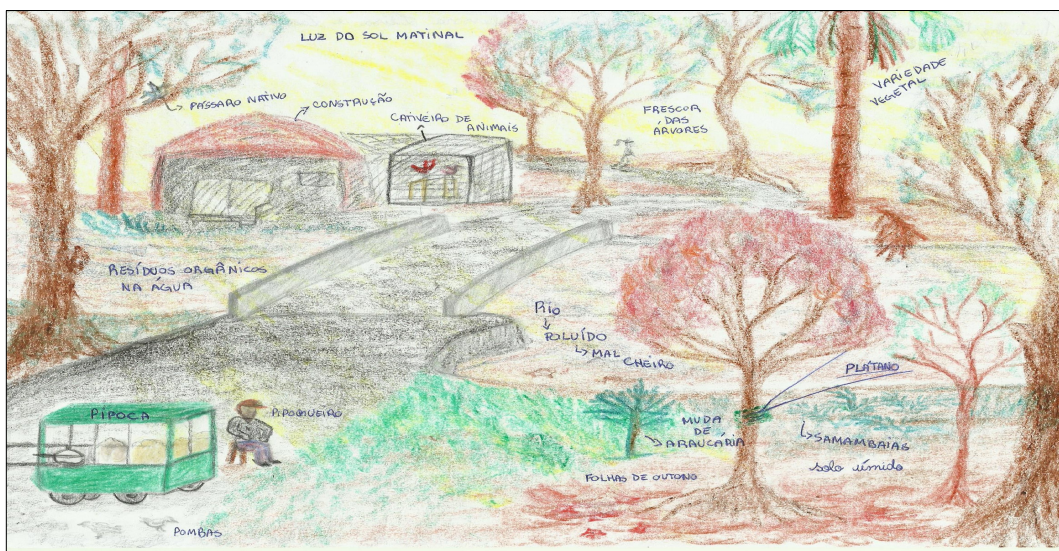
### **4.1 RESULTADOS DOS MAPAS MENTAIS**

No dia 4/6/2014 foi realizada a aula de campo com discentes do 2º ano C do ensino médio do Colégio Estadual do Paraná, no parque, com o objetivo principal de analisar e compreender a percepção ambiental dos discentes. O universo da pesquisa é de uma turma com 33 alunos, no qual não se tem a pretensão de analisar todos os mapas mentais, somente os mais representativos.

Em uma análise geral pode-se perceber aspectos naturais e culturais no

Passeio Público, por exemplo, árvores, rio Belém, animais, construções, pessoas, poluição, comércio, cidade, as sensações de alegria, tristeza, indiferença, insegurança e os odores que estão presentes na percepção ambiental, na primeira unidade de conservação de Curitiba. Utilizou-se a “Metodologia Kozel” (2009) para decodificar os mapas mentais, seguem os mais representativos:

FIGURA 8 – MAPA METAL 1



FONTES: ELISA HAVRO DA SILVA (2014)

O mapa mental 1 ao que tange a **representação dos elementos na imagem** (letras) encontramos: a luz do sol matinal; variedade vegetal; rio poluído; construção; folhas de outono; solo úmido e a muda de araucária, entre outros. Quanto à **distribuição dos elementos na imagem** está posta de forma horizontal e existe uma harmonia entre os aspectos naturais e culturais. Sobre a **especificidade dos ícones** percebem-se os elementos da **paisagem natural** (fauna, flora e recurso hídrico); a **paisagem construída** (construção, cativeiro, ponte e carrinho de pipoca); os **elementos móveis** uma pessoa praticando atividade física, o pipoqueiro sentado, um pássaro alçando voo, um galho de árvore no solo e as pombas comendo; nos **elementos humanos** encontra-se o ser humano e a paisagem modificada pela ação antrópica. Primorosamente o mapa mental faz uma junção entre os aspectos naturais e culturais, demonstrando a percepção da discente que está ligada ao conceito

de toponímia de Tuan (2009).

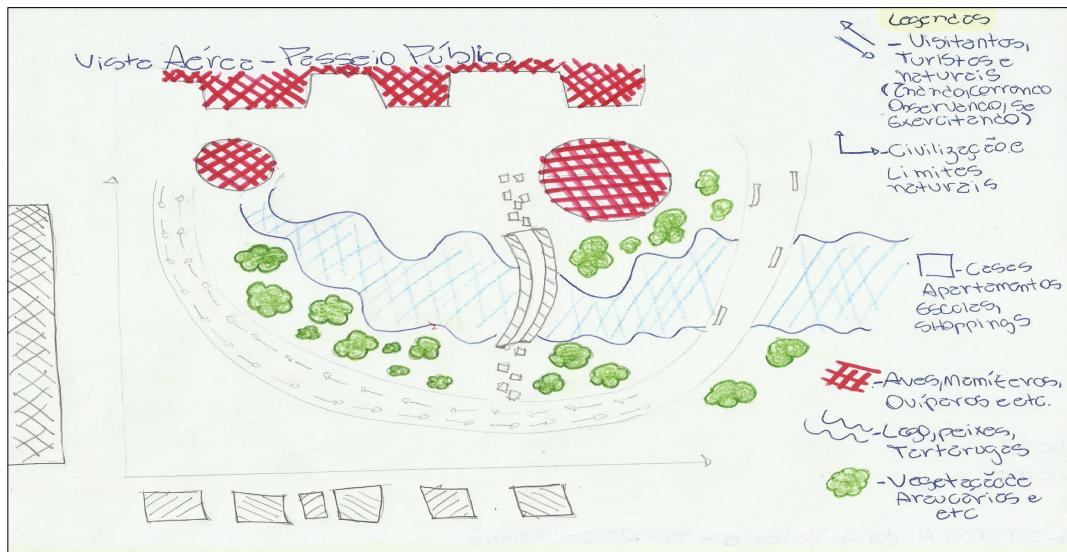


FIGURA 9 – MAPA MENTAL 2  
FONTE: LEONARDO DA SILVA PALECCIO (2014)

No mapa mental 2, com relação à **representação dos elementos na imagem**, pode-se perceber várias situações, como as figuras geométricas que representam os aspectos antrópico (escola) e natural (vegetação); nas linhas encontramos os limites entre a civilização e o natural; as setas representam os turistas e as pessoas se exercitando, ou apenas observando a dinâmica do parque; o recurso hídrico e os peixes e tartarugas também estão representados por linhas. Quanto à **distribuição dos elementos na imagem**, essa dá-se por uma vista aérea de forma dispersa. Ao analisar a **especificidade dos ícones**, a representação dos **elementos da paisagem natural** (aves, vegetação e lago) e **construída** (apartamento e shopping), são orientados por símbolos, as setas representam os **elementos móveis** (pessoas andando, correndo), nos **elementos humanos** o mapa mental aborda de forma indireta a ação antrópica através de hachuras, como por exemplo, as setas para representar o Homem (turista ou visitante) e o limite entre a cidade e a unidade de conservação. Quanto à toponímia e à toponímia não há relação aos conceitos no mapa mental.



FIGURA 10 – MAPA MENTAL 3  
FONTE: CAIO CESAR SOUZA SMANIOTO (2014)

No mapa mental 3, quanto a forma de **representação dos elementos na imagem**, são encontradas as letras que representam a poluição, o abandono, o descaso e a sujeira no Passeio Público. Ao que tange a **distribuição dos elementos na imagem** as formas aparecem dispersas na paisagem. Quanto à **especificidade dos elementos naturais**, poucos são representados como por exemplo, o lago, as árvores e as folhas no recurso hídrico, que na visão da discente remete a poluição; nos **elementos da paisagem construída** observa-se um galpão ou depósito e uma via sem vida. No mapa mental não há menção aos **elementos móveis e humanos**, há apenas representação dos aspectos naturais e, indiretamente, a ação pelo elemento construído. A **particularidade** do mapa mental é que a representação faz uma alusão ao Passeio Público. As palavras descaso e abandono e a cor preta da via, se relacionam à topofobia do discente ao parque.



FIGURA 11 – MAPA MENTAL 4  
FONTE: NICOLLE SILVA (2014)

O mapa mental 4 indica, quanto à **representação dos elementos na imagem**, os portões que mostram a figura geométrica e as letras na parte superior, que denomina o Passeio Público. Quanto à **distribuição dos elementos na imagem**, o mapa mental a representa de forma isolada. Ao que tange à **interpretação quanto à especificidade dos ícones**: nos elementos da **paisagem natural** são encontradas árvores e os elementos da **paisagem construída**, os portões, uma via (cor preta) no interior e a cerca que separa o parque e a via expressa. Não são encontrados no mapa mental os **elementos móveis e humanos**. A **particularidade** refere-se aos portões que foram construídos (1910) em uma das entradas do Passeio Público e representados no mapa mental. É uma réplica do portão do Cemitério dos Cães de Asnières, foi idealizada pelo arquiteto alemão Frederico Kirchgässner, localizado na cidade de Paris (NO). A obra foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná no ano de 1974. O mapa mental está relacionado à topofilia porque a imagem é representada de forma pacífica (cor azul no fundo dos portões). (FRASSON, 1995)



FIGURA 12 – MAPA MENTAL 5  
FONTE: MATHEUS L. MAZZAROTO

No mapa mental 5, quanto à forma de **representação dos elementos na imagem**, destaca a forma sombria como foi moldado o Passeio Público. Quanto à **distribuição dos elementos na imagem**, é apresentada na forma de perspectiva (o aspecto mais importante está no início da imagem e outras informações estão nas laterais e ao fundo do mapa mental). A **interpretação quanto à especificidade dos ícones**: os elementos da **paisagem natural** são representados pelas árvores e frutos; os elementos da **paisagem construída** são formados pelos portões (em uma das entradas do parque); pelos carros

(na parte externa ao parque) e pelo banco (próximo à árvore), onde há duas pessoas sentadas e ainda, a via por onde as pessoas caminham. Os **elementos móveis** são constituídos pelo caminhar das pessoas e pelos carros. Quanto os **elementos humanos** há três pessoas que caminham e outras duas sentadas no banco. O homem que está em primeiro plano nos remete à sensação de medo e insegurança. A particularidade é dada pela representação do mapa mental, que mostra um Passeio Público como um lugar escuro, sem vida e de total insegurança, características do conceito de topofobia.

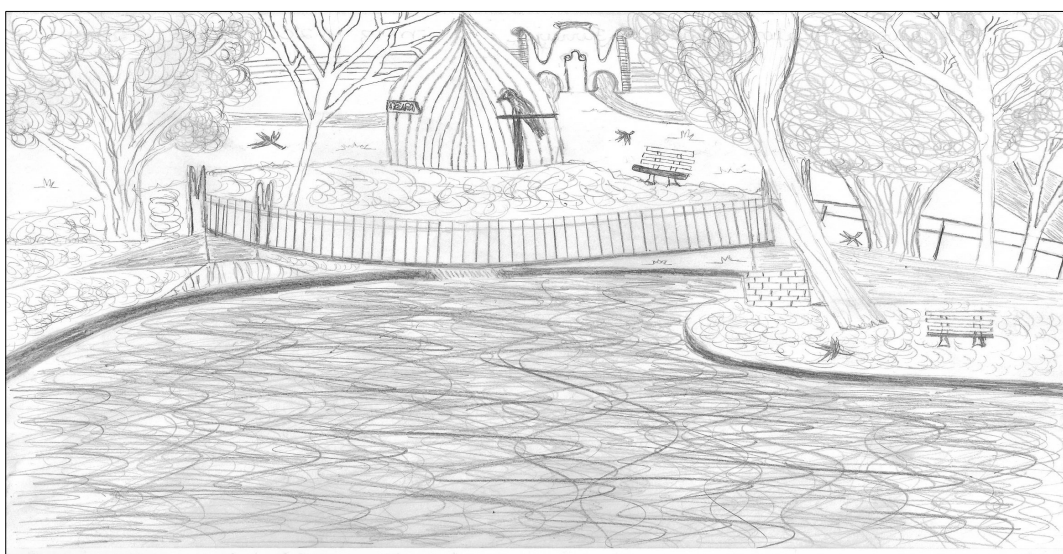


FIGURA 13 – MAPA MENTAL 6  
FONTE: LAURA STÉFANI GALVÃO FERREIRA

No mapa mental 6, quanto à forma de **representação dos elementos na imagem**, veem-se formas geométricas (gaiola, ponte); quanto à **distribuição dos elementos** na paisagem é representada na forma de perspectiva (portões no final do mapa mental). Sobre a **interpretação quanto à especificidade dos ícones**, os elementos da **paisagem natural** (fauna e flora) estão representados de forma triste e monótona; quanto aos elementos da **paisagem construída** há a ponte, os bancos, o cercado, os portões e a gaiola da arara; ao que tange aos **elementos móveis**, há alusão ao voo dos pássaros, e ao movimento da água no rio Belém e à folha da árvore no solo. Não há **elementos humanos** no mapa mental. A **particularidade** da

representação está no fato dos elementos que têm vida estarem representados de forma taciturna e sem vida, mostra também a vida dos animais em cativeiro. O mapa mental possui características do conceito de topofobia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O recorte espacial da pesquisa foi o Passeio Público, com os discentes do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná-CEP, no primeiro semestre de 2014. O universo da pesquisa foi de 33 alunos (2<sup>o</sup>C), o objetivo e a problemática foram respondidos.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, foi seguida a seguinte forma: revisão bibliográfica, aula de campo no Passeio Público, elaboração e contextualização dos mapas mentais. A metodologia foi dividida da seguinte maneira: primeira fase um vídeo sobre “O mundo percebido” do professor Clóvis de Barros e encaminhamento sobre a percepção; segunda fase; aula de campo no Passeio Público; terceira fase: confecção dos mapas mentais e quarta fase: análise dos mapas mentais.

O objetivo geral e os específicos foram atingidos, utilizando a “Metodologia Kozel” para decodificar os mapas mentais e compreender a percepção ambiental, sendo possível relacioná-los aos conceitos de Topofobia e Topofilia. A percepção ambiental dos discentes perpassa por vários aspectos, por exemplo, os elementos naturais (flora e fauna) e os elementos construídos (apartamentos, shopping). As sensações abordadas remetem-se a alegria, tristeza, insegurança, paz e odores.

Portanto, alguns mapas mentais estão relacionados a Topofobia e outros a Topofilia. A problemática foi respondida, os discentes conseguiram visualizar, compreender e representar os problemas ambientais e os sociais nos mapas mentais.

Finalizando, cada discente percebe diferentemente o Passeio Público, alguns se remetem somente aos aspectos naturais, outros fazem uma relação entre o natural e o construído, há também, para alguns, a percepção aérea do

parque, sendo que há aqueles que apenas fazem uma alusão ao Passeio Público. Ou seja, há particularidades em cada um dos mapas mentais analisados, visões, sensações, percepções que se destacam ou se escondem na imagem representada. Para Tuan (2012) duas pessoas não veem a mesma realidade e não fazem a mesma avaliação do meio ambiente. A pesquisa demonstra essa máxima de Tuan.

## 6 REFERÊNCIAS

**BOFF, L.** Sustentabilidade: o que é: o que não é. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

**CAPRA, F.** A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

**CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente.** Zoológico e Passeio Público. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/zoologico-e-publico-zoologico-e-passeio-publico-smma/331>>. Acesso em 17/01/2014.

**FRASSON, M. L.** Percepção Ambiental nas Unidades de Conservação Passeio Público e Zoológico Municipal de Curitiba. 1995. Disponível em: <<http://www.isulpar.edu.br/publicacoes/anexo/revista/.pdf>>. Acesso em 17/01/2014.

**HUSSERL, E.** A Ideia da Fenomenologia. Tradução Artur Mourão: Lisboa: 2000. 133p. Ed 70.

**KOZEL, S.** As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S.; (Orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: UFPR, 2009.

**LOUREIRO, C.F.B.** Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

**MERLEAU-PONTY M.** Fenomenologia da percepção. 2aed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

**PADUA, L. C. T. A** Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e permanências. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**RIBEIRO, W. C; LOBATO, W; LIBERATO, R. C.** Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. Sinapse Ambiental – Setembro de 2009.

**TUAN, YI-FU.** Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_ Espaço e lugar: a perspectiva. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_ Paisagens do Medo. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.